

DA BOLHA AO ENXAME: UMA VISÃO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS (HIPER)MODERNAS

Milena Mallmann Sloboda¹

Ana Carolina Rodrigues Gomes Duarte²

Leonardo Graziani³

Professor orientador Alan Muller⁴

RESUMO

A presente pesquisa visa compreender os impactos das revoluções tecnológicas nos contextos sociais, psicológicos e culturais por meio de uma revisão bibliográfica narrativa com enfoque nas obras do pensador sul coreano Byung-Chul Han, destacando a obra *No enxame: Perspectivas do digital*. Dessa forma, fora possível analisar as características da era digital, bem como compreender a influência que a tecnologia exerce sobre os indivíduos e seus relacionamentos intra/interpessoais. Por meio dos conceitos de comunidade, individualidade e poder, procedeu-se a um exame de como ocorrem os relacionamentos com os outros, e consigo, em um mundo cada vez mais digital e interconectado. A partir da análise de Han sobre a natureza do trabalho, consumo e comunicação na era digital, emerge um alerta para os possíveis perigos da hiperconexão e da vigilância consentida. A investigação bem como a crítica da noção de um “enxame” que não apenas conforma, mas também isola, é catalisadora de possibilidades de preservação de espaços de autenticidade e solidariedade genuína em uma sociedade saturada de informação e superficialidades.

Palavras-chave: Tecnologia. Psicologia. Perspectivas do Digital.

¹ Aluna do 5º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2023/2024). *E-mail:* milena.mallmann@mail.fae.edu

² Aluna do 9º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2023/2024). *E-mail:* ana.carolina.duarte@mail.fae.edu

³ Aluno do 9º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntário do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2023/2024). *E-mail:* leonardo.graziani@mail.fae.edu

⁴ Orientador da Pesquisa. Mestre e doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Federal do Paraná. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail:* alan.muller@fae.edu

INTRODUÇÃO

Considerando as revoluções tecnológicas que abrangem o século XXI, estima-se grande importância à psicologia em estudar os impactos da era digital em relação aos seus usuários, explicitando quais as implicações sociais, psicológicas e culturais das transformações nas relações humanas na sociedade hipermoderna.

Dessa maneira, nesta pesquisa busca-se refletir a respeito dessa constante mudança sócio-histórica, utilizando de uma revisão bibliográfica das obras de Byung-Chul Han e outros estudiosos relevantes, visando contextualizar as relações da hipermodernidade e conceituar os termos “bolha” e “enxame”, bem como elucidar a construção histórica dessas terminologias. Ademais, explorar as características da era digital e tentar entender o tipo de influência que a tecnologia exerce sobre os indivíduos e seus relacionamentos como um todo.

A justificativa científica para esse artigo baseia-se na importância de estudar os impactos das tecnologias nas relações humanas, explorando aspectos para além dos positivos mais notadamente conhecidos. Imersos no uso dessas tecnologias, usuários comportam-se de maneiras peculiares, abandonam a alteridade e passam a excluir tudo aquilo que é diferente de suas crenças, ideias, visões, valores, opiniões, criando um novo universo particular de iguais/comuns. Dessa forma, visa-se contribuir para a sociedade por meio da reflexão destes impactos em nosso cotidiano, bem como fornecer ao meio científico subsídios de se pensar esta relação com a tecnologia de forma harmoniosa.

A revisão de literatura narrativa realizada com este intuito foi conduzida utilizando-se uma abordagem fenomenológica, que visa compreender a essência das experiências vividas e como elas são percebidas pelos indivíduos (Creswell, 2013). Essa abordagem é apropriada para explorar a profundidade e a riqueza das experiências subjetivas relatadas na literatura existente. Os dados extraídos foram analisados utilizando a técnica de análise temática, conforme descrito por Braun e Clarke (2006). Perfazendo-se assim a familiarização com os dados, a busca e revisão dos temas pesquisados. Os resultados foram sintetizados em tópicos visando a identificação e problematização dos tópicos temáticos descritos na literatura. A síntese permitiu uma compreensão abrangente das essências fenomenológicas capturadas nos estudos revisados, destacando as nuances e variações nas percepções e experiências dos conteúdos analisados.

1 DA BOLHA AO ENXAME

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA DAS RELAÇÕES HIPERMODERNAS

Com o advento do período denominado por Bauman (2011) como Modernidade Líquida, pode-se refletir sobre as novas relações interpessoais, individuais e coletivas que se desenvolveram e se transformaram em nossa época, uma vez que mudou-se a forma como o ser humano se relaciona consigo e com os outros. Isso, pois, de acordo com o autor, o estado de liquidez, característico da modernidade, diz respeito a como as formas de existência, de relacionamento e as circunstâncias tornaram-se efêmeras, sendo facilmente desfeitas e/ou modificadas a qualquer instante, sempre que submetidas a eventos de tensão. Nesse sentido, destaca-se o exposto por Bauman (2011, p. 322):

Tudo está agora sendo permanentemente desmontado mas sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”.

Assim, refletir sobre as novas configurações dessas relações abrange, também, o entendimento de como o indivíduo se impõe, se posiciona e interage com o mundo exterior frente a esse novo paradigma. Nesse contexto, é válido ressaltar as relações que se estabelecem dentro dos aparatos digitais, pois, ao mesmo tempo em que as plataformas digitais propiciam a construção de conexões instantâneas, tais interações são superficiais e podem ser facilmente desfeitas (Bauman, 2011).

Estando as relações interpessoais, portanto, mediadas por telas e caracterizadas pela ausência do contato físico, tem-se que os aparelhos eletrônicos permitem que os indivíduos se satisfaçam apenas com o toque de teclas, sem que qualquer esforço maior seja necessário. Com a eliminação das distâncias, os indivíduos podem se relacionar no meio online a qualquer hora e instante, o que viabiliza e privilegia o contato e a conectividade virtual com o mundo todo, em detrimento da permanência do estado de solidão (Bauman, 2011).

Todavia, na medida em que o encontro, geralmente breve, é facilmente estabelecido e os laços são criados com rapidez, os desencontros também podem ocorrer na mesma frequência. Afinal, a instantaneidade com a qual são mantidas essas interações contemporâneas faz com que as pessoas estejam menos tolerantes a lidar com o contraditório. Logo, nos tempos modernos, a qualquer sinal de incômodo ou

insatisfação com aquilo que é dito pelo outro, os indivíduos, imersos em relacionamentos voláteis, estão propensos ao descarte e ao rompimento das interações que não te satisfazem, naquele momento, assim como exposto pelo autor:

O “contato” pode ser desfeito ao primeiro sinal de que o diálogo se encaminha na direção indesejada: sem riscos, sem necessidade de achar motivos, de pedir desculpas ou mentir; basta um toque leve, quase diáfano, numa tecla, um toque totalmente indolor e livre de riscos. (Bauman, 2011, p. 11)

Como consequência, pode-se inferir que o ser humano, na tentativa de retornar a um estado de estabilidade utópico, anseia por informação e controle sobre os fenômenos que o cercam, fato que faz com que ele busque, nas redes sociais e nos aparatos digitais uma forma de lidar com a imprevisibilidade do mundo, o qual eles estão sujeitos. Entretanto, o mesmo acaba se deparando com informações em larga escala, muitas delas contraditórias entre si, o que acaba dificultando o processamento adequado dessas informações (Bauman, 2011).

Paralelamente, ocorre, por meio disso, uma alienação dos indivíduos imersos no ambiente virtual, em detrimento da própria realidade, dado o receio de que eles reflitam sobre si mesmos e sobre as vivências que os rodeiam. Segundo Bauman (2011, p. 10), “O advento da internet permitiu esquecer ou encobrir o vazio, e, portanto, reduzir seu efeito deletério; pelo menos a dor podia ser aliviada”, logo, a busca pela conectividade é influenciada, em certa medida, pelo medo do sujeito de ter que se ater consigo mesmo, com as suas faltas, inseguranças, receios e dificuldades. Assim, ainda que isolados e alienados, tal isolamento não abarca a sua própria solidão, na medida em que ele nunca o fica sozinho consigo mesmo, ou seja, não se escuta (Bauman, 2011).

1.2 POSITIVIDADE, DESEMPENHO E O DESAPARECIMENTO DA ALTERIDADE

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, ao explorar a dinâmica contemporânea sobre o modo de ser e estar no mundo, aponta para os efeitos nocivos do excesso de positividade pregado pela sociedade como uma norma. De acordo com ele, essa positividade exacerbada encontra contexto, na medida em que as próprias tecnologias contemporâneas estimulam a busca excessiva pela produtividade, tornando, assim, o homem uma máquina de desempenho. Assim, suas ideias foram fundamentais para ampliar o debate e a reflexão sobre o quanto a atual sociedade encontra-se individualizada e em processo de adoecimento, diante de tantos estímulos, informações e impulsos (Han, 2015).

Considerando o modelo econômico vigente, pode-se destacar que o capitalismo promove uma luta contra a morte, ao incentivar que o sujeito preserve a sua própria

existência idêntica a si mesmo. Na prática, isso aparece no momento em que o homem pós-moderno se encontra demarcado pelo desaparecimento da alteridade e de tudo aquilo considerado como diferente, uma vez que se prega a eliminação de quaisquer formas de negatividade. Por isso, a tristeza, o fracasso, a frustração, a contemplação e o descanso não encontram espaço em seus cotidianos, dado o condicionamento que eles possuem a um excesso de positividade. A existência, nesse sentido, é garantida através de práticas e pensamentos voltados a uma performance de maximização do desempenho (Han, 2015).

Enquanto no século XX as enfermidades estavam associadas à época bacteriológica, e buscava-se a eliminação e o desaparecimento de tudo aquilo que seria desconhecido, mesmo que não fosse hostil em si ao organismo, no século XXI as patologias se associam às doenças neuronais, como a depressão, por exemplo. Diz-se, portanto, que as doenças neuronais são inerentes ao próprio sistema e decorrem do exagero de positividade, o qual a sociedade acaba recebendo permissivamente, porém não necessariamente são passíveis de serem reconhecidos a uma percepção direta. Por isso, diferentemente do que ocorria no século passado, os estados psicológicos de sofrimento não sofrem eliminação, pois a positividade que os ocasiona não inclui nenhuma manifestação negativa, logo, ela é reforçada sem ser repudiada (Han, 2015).

Sendo assim, uma análise a respeito das formas de adoecimentos contemporâneos engloba a compreensão dos fatores desencadeantes desses novos formatos de sofrimento psíquico. Nesse sentido, é notório destacar a transição entre a sociedade disciplinar, proposta por Foucault, e a sociedade de desempenho, ilustrada por Han (2015), bem como apresentar as principais características e diferenças entre cada uma dessas sociedades.

Para Foucault, à sociedade disciplinar, associa-se a ideia de controle social, proibição e coerção. Os seus habitantes, reconhecidos como “sujeitos da obediência”, são coagidos a agirem e a produzirem conforme as normativas socioculturais hegemônicas, sob pena de punição, caso não sigam ou não atendam às expectativas daqueles que detém o poder. Além disso, tendo o conhecimento de que não são livres para fazerem ou se colocarem na sociedade como bem entenderem, os “sujeitos da obediência” são constantemente controlados por um sistema de vigilância rígido, possuindo, assim, consciência de suas liberdades privadas (Han, 2015).

Por outro lado, Han, ao apresentar a “sociedade do desempenho”, infere que os mecanismos de controle e coerção não são tão explícitos quanto no modelo anterior, entretanto, não são inexistentes. Na medida em que os indivíduos são instigados e provocados a fazerem o que quiserem, para alcançar hábitos e comportamentos mais positivos, criam-se novas formas de coerção e exploração sobre si, tornando-os o que

Byung-Chul Han (2015) denomina como “escravos do trabalho”. Logo, alienam-se em suas próprias formas de existência e o trabalho conquista cada vez mais um sentido mais central em suas vidas. Todavia, destaca-se que essa busca pela maximização da produção é algo inalcançável, deixando os sujeitos ainda mais cansados e esgotados (Han, 2015).

Associado ao modelo econômico vigente, menciona-se que a atual sociedade do desempenho exige que os indivíduos estejam a todo instante produzindo e sendo eficientes, devido a uma cobrança excessiva pelo desempenho e produção. Pontua-se, portanto, a emergência de uma sociedade do desempenho que coloca o sujeito em posição de disciplina, afinal, dado o imperativo de dever e a pressão pelo desempenho, ele é levado a um constante estado de continuidade. Dessa forma, evidencia-se uma regra quase que implícita de que eles necessitam estar sempre ativos, motivados e hiperativos (Han, 2015).

A liberdade ilusória, portanto, diz respeito ao fato de que os sujeitos não mais conseguem ver as formas de coerção, da mesma forma que estavam expostos anteriormente, por isso, se sentem libertos. Além disso, salienta-se que o consumismo desempenha um papel significativo na hipermodernidade e reforça essa falsa liberdade, uma vez que a lógica do consumo influencia a forma como nos relacionamos e percebemos o mundo ao nosso redor.

Tendo em vista que na sociedade líquida e do desempenho os laços humanos e comunitários estão mais enfraquecidos, o contexto neoliberal favorece ainda mais a criação de novas formas de coerção, dado que tudo e todos tornam-se coisas e objetos a serem consumidos e produzidos. O cenário hipermoderno é, portanto, demarcado pela satisfação imediata, por isso, a mercantilização abrange todas as esferas da vida do sujeito. Ao passo que os aparatos digitais bombardeiam os indivíduos de informações e estímulos, os ideais de consumismo também alcançam larga escala, através de gramáticas morais que propagam uma promessa de felicidade vinculada à compra (Bauman, 2001).

Sobre isso, Bauman (2001) faz uma analogia entre o consumismo e a linha de chegada de uma corrida, destacando que na medida em que satisfazemos a realização de um desejo, este já não se torna mais válido e atraente, o que faz com que a promessa de realização seja depositada em uma outra conquista e experiência. Desse modo, ele complementa essa comparação, afirmando que “Na corrida dos consumidores, a linha de chegada sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores” (Bauman, 2001, p. 78).

Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo “adiamento da satisfação”, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da auto congratulação tranqüila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes (Bauman, 2001, p. 33).

Trata-se, portanto, de um ciclo inalcançável e viciante de consumo, alimentado pelas possibilidades infinitas ofertadas e pela ideia de que é através do consumo que você poderá ter a própria identidade e atingirá o nível de felicidade e satisfação plena. Para Bauman (2001), a liquidez da sociedade provoca a emergência de novas formas de existir, ser e estar no mundo, afinal, estando a temporalidade sujeita a volatilidade e a fluidez das coisas, tudo que é consumível é visto como um prêmio e um propósito a ser alcançado.

Nessa máxima pelo desempenho e pela produção, não sobra espaço e tempo para o refletir e o questionar sobre os próprios desejos insaciáveis. A obtenção de determinado prêmio e propósito desbloqueia a busca implacável por novos prêmios, de forma que os anteriores são esquecidos e não mais se constituem como algo de valor. Os desejos e as fantasias, nesse ponto, resultam no querer, imperativo e volátil, que regula todo o sentido da vida e garante o permanecimento nessa corrida interminável e sedutora (Bauman, 2001).

Dessa forma, Han (2017) qualifica a expressão “Inferno do Igual” enquanto um estado em que a sociedade, ainda que diversa, não possui alteridade entre os seus membros. Isso, pois, mesmo que seja possível perceber certos traços ou características particulares de cada grupo social, o diálogo com o outro causa estranhamento e os modos de existência e convivência são pautados em interesses individuais. Como consequência, a ausência do encontro e do contato com o outro, com o diferente, faz com que esse outro seja anulado, de forma que o indivíduo não se questione ou repense sobre a sua própria maneira de ser, de pensar, e de agir. Logo, aponta-se que o indivíduo do desempenho, ao reafirmar constantemente a sua própria identidade, frente ao imperativo do desempenho, se mantém preso à produção de si mesmo.

O modo de vida, assim, pauta-se sobretudo na reprodução de si nas relações. Com o desaparecimento da alteridade, as pessoas passam a se relacionar com sujeitos idênticos a si, com os mesmos gostos, preferências, não existindo, portanto, relação para além da própria identidade e nem espaço para o confronto, contestação e mudanças. A partir disso, pode-se refletir sobre os impactos que isso traz às relações amorosas, na medida em que as relações afetivas da sociedade pós moderna são cada vez mais efêmeras e superficiais (Han, 2017).

Busca-se, portanto, a aniquilação da real experiência com o outro e com a alteridade, o que faz com que os vínculos e ideais comunitários percam protagonismo e se degradem, uma vez que os indivíduos somente dão sentido aos fenômenos e cenários, na medida em que eles encontram um reflexo de si mesmo nesses elementos (Han, 2017).

1.3 CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DAS “BOLHAS” E “ENXAMES”: IMPACTOS NAS INTERAÇÕES SOCIAIS PÓS MODERNAS

Com a emergência de novas tecnologias e o advento da globalização em larga escala, pode-se refletir também sobre a reconfiguração dos modelos políticos e econômicos. Esse debate alcança consistência, na medida em que a transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho provocou uma alteração e transformação na forma como se produz capital. Além disso, os espaços públicos e privados, tão bem demarcados no período anterior, perderam na sociedade pós-moderna contornos definidos, o que resultou na sobreposição da esfera privada em detrimento da esfera pública (Han, 2018a).

De acordo com Han (2018a), as relações de respeito se constroem na medida em que se conhece a outra pessoa e que se tenha um certo distanciamento entre os indivíduos. Todavia, levando-se em consideração o anonimato dos indivíduos, dentro das redes digitais, infere-se que as relações que se estabelecem dentro das mídias digitais não são dotadas desse distanciamento. Logo, tendo essa condição do distanciamento infringida, a construção desse respeito é prejudicada.

Isso ocorre, pois, a hiperconexão demarca uma facilidade no compartilhamento de informações, emoções, vivências e pensamentos antes pertencentes estritamente à esfera privada. Com isso, sustentando a tese de que “Hoje, em contrapartida, domina uma falta total de distância, na qual a intimidade é exposta publicamente e o privado se torna público”, Han (2018a, p. 8) expõe que a motivação para o compartilhamento dessas informações pessoais implica em uma necessidade de autoafirmação e reconhecimento por autenticidade, produtividade e desempenho.

A transparência, nesse sentido, adentra a questão da liberdade ilusória, uma vez que os indivíduos são instigados a compartilharem voluntariamente aspectos pessoais em rede e se sentem livres para tanto, desconsiderando a pressão social que o mesmo se submete ao sentir que precisa expor um determinado padrão de vida nas redes sociais. E se antes os mecanismos de controle e coerção eram explícitos, é por meio da transparência que o sistema de vigilância sobre o que os indivíduos fazem e são se solidifica, ainda que de forma imperceptível e auto imposta (Han, 2018a).

Um outro tópico relevante a respeito de como os indivíduos se organizam e se comportam em rede, é com relação à diferenciação que o autor faz em relação às massas e aos enxames que constituíram e constituem a sociedade. Por massa, entende-se uma coletividade homogênea, o que pressupõe um aglomerado de pessoas com “alma”, com um objetivo em comum. Sobre esse aspecto, Han (2018a) pontua que a massa se constitui e age toda por um princípio, o que garante o pertencimento e o senso de “nós”. E isso não se aplicaria mais à dinâmica social característica da hipermodernidade.

De modo contrário, ainda que o enxame, característico da sociedade hipermoderna, se caracterize por um aglomerado de pessoas, ele não age de modo unificado. Diferentemente da massa, o enxame não possui voz, e por consequência não possui alma e nem uma interioridade em comum presente. Logo, ainda que se constitua como um agrupamento de pessoas, infere-se que devido ao seu caráter descentralizado e fragmentado, o enxame não se constitui por uma coletividade unida por um objetivo em comum (Han, 2018a).

Da mesma forma que o funcionamento dos aparatos digitais é condizente com a liquidez e a volatilidade com a qual as relações contemporâneas são construídas, o enxame se caracteriza, também, por um agrupamento de pessoas sem voz e com bastante barulho e ruído. Pois, da mesma forma que o ambiente online se constitui enquanto um terreno fértil para o bombardeio de informações e estímulos, o enxame, ao não abraçar objetivos em comum e não possuir uma voz em uníssono, compreende pessoas mais individualistas, que não estão integradas na obtenção de um objetivo em comum. Desse modo, o ruído, característico desse agrupamento contemporâneo, deriva do fato de que tudo torna-se imediato e passível de ser apontado (Han, 2018a).

O individualismo, portanto, presente no período hipermoderno, produz, como consequência, o desaparecimento dos rituais. A respeito disso, Han (2021a) discorre que os vínculos comunitários estão enfraquecidos, afinal, na máxima pelo desempenho, as relações coletivas são substituídas pelo individualismo, o que prejudica a coesão social. A justificativa para isso, advém de que a dimensão da experiência comunitária pressupõe o outro, todavia, a sociedade contemporânea, ao prezar pela eliminação da alteridade, não mais reconhece e legitima esse outro. Como exposto pelo autor:

A conexão digital total e a comunicação total não facilitam o encontro com o outro. Elas servem, antes, para passar direto pelo estranho e pelo outro e encontrar o igual e o de igual inclinação, e cuidam para que o nosso horizonte de experiência se torne cada vez mais estreito. Elas nos emaranham em uma fita do eu e nos levam, por fim, a uma “autopropaganda que nos doutrina com nossas próprias ideias”. (Han, 2022a, p. 9)

Nesse sentido, pode-se refletir que esse encapsulamento do eu, ao mesmo tempo que caracteriza o enxame, também faz com que os sujeitos se fechem em bolhas narcísicas e digitais, levando-se em consideração a falta de recepção ao outro. Com isso, ao blindarem os sujeitos de terem que se a ver com o outro (Han, 2021b), as bolhas digitais aniquilam os rituais e os seus atos simbólicos, colocando o ego do sujeito em posição de destaque nas mídias digitais. Tudo torna-se consumível, isto é, todos os comportamentos, emoções e qualquer aspecto da vida humana torna-se passível de serem mercantilizados, o que faz com que os sujeitos busquem se destacar e se distinguir uns dos outros. Assim, estabelece-se um modo de vida voltado à mera afirmação de si e todos, nesse regime, são condenados a produzir a si mesmos (Han, 2021a).

Logo, essa busca pela autenticidade impede a formação de comunidade. Para Han (2021a, p. 22), “A sociedade da autenticidade é uma sociedade da performance. Cada um se performa. Cada um se produz. Cada um cultua o *self*, na medida em que é o sacerdote de si mesmo”. Consequentemente, o sujeito se constrói de maneira singular, limitando as formas ritualizadas de interação, haja vista a predominância do excesso de informações e bombardeio de estímulos, característicos da contemporaneidade, que impedem o ato contemplativo com relação aos conteúdos adquiridos. Assim, não mais se reflete sobre os encerramentos de ciclos e as transições da vida, por exemplo, tendo em vista que esses aspectos carregam, por si só, uma carga de negatividade tóxica à sociedade do desempenho (Han, 2021a).

1.4 O PARADOXO DA SOLITUDE DIGITAL DO SÉCULO XXI

Considerando a inauguração do período hipermoderno, como resultado do avanço tecnológico, evidencia-se a ascensão do regime de informação, aliado ao funcionamento dos algoritmos e das inteligências artificiais. Diferentemente do regime disciplinar, o regime de informação não explora corpos, mas sim dados e informações, o que influencia ainda mais os processos socioeconômicos e políticos. Isso, pois, na medida em que os sujeitos não mais enxergam os processos de controle e vigilância, eles consideram-se livres, desconsiderando que todas as suas interações e comportamentos no âmbito digital estão sendo analisadas e coletadas (Han, 2022b).

Essa vigilância é, portanto, ainda mais coerciva que o modelo anterior, afinal, na contemporaneidade ela não é interiorizada e conscientemente visível, como ocorria com a existência do panóptico tradicional. Enquanto o poder disciplinar obtinha êxito através do controle dos corpos, percebe-se que o regime da informação, ao se apoderar da psique, opera de maneira distinta e mais efetiva que o panóptico disciplinar. Logo, dado o caráter da invisibilidade com o qual todos os dados da rede são coletados, cria-se o entendimento de que o uso do próprio smartphone garante um certo nível de privacidade, todavia, é justamente isso que faz emergir a dominação (Han, 2022b).

Paralelamente, ressalta-se que a dominação, através da psique, ganha ainda maior notoriedade, tendo em vista que os sujeitos, em sua grande maioria, se colocam nas redes de forma transparente, colocando-se como disponíveis e mais suscetíveis a serem dominadas. Com isso, sujeitam-se, produzem, consomem informações e entregam dados sem uma coerção explícita, mas sim por vontade própria, como retrata Han:

O regime de informação se garante sem uma coação disciplinar. Às pessoas não são impostas uma visibilidade panóptica. Ao contrário, desnudam-se sem qualquer coação externa por necessidade interior. Produzem-se, ou seja, se põem em cena. Em francês, se produire significa deixar-se ver. (Han, 2022b, p. 11)

Assim, Han (2022b) enuncia que os sujeitos hipermodernos estão presos, pelas informações que eles mesmos produzem, através dos presídios digitais transparentes. Ao expor que a “vigilância infiltra-se no cotidiano na forma da conveniência” (Han, 2022b, p. 13), o autor afirma que os smartphones e a Smart Home, por exemplo, se apresentam enquanto dispositivos que, ao auxiliarem os sujeitos, mapeiam, protocolam e informam diversos aspectos da vida de quem os utiliza. Através de estímulos positivos, “O regime de informação se apodera dos indivíduos, à medida que lhes elabora seus perfis de comportamento” (Han, 2022b, p. 17).

Em segundo plano, é válido destacar que embora os sujeitos estejam conectados na rede uns com os outros, isso não significa que eles estejam escutando uns aos outros. Nesse sentido, ao retomar as ideias de Arendt a respeito da formação de opinião, tem-se que a práxis discursiva, importante para a democracia, implica que a elaboração de uma questão ou ideia pressupõe diferentes perspectivas, o que inclui o ponto de vista do outro. Todavia, estando imersos em presídios digitais, os sujeitos não mais se escutam e, como consequência, tem-se que a eliminação da alteridade faz com que as suas próprias ideias sejam dogmáticas e não mais discursivas (Han, 2022b).

Sobre isso, destaca-se que o encapsulamento do eu é propiciado, na medida em que os próprios algoritmos instigam esse espaço alienado às ideias do próprio eu. De acordo com Han (2022b, p. 36), “A personalização da internet faz com que nosso mundo de vida e nosso horizonte de experiência fique cada vez menor, cada vez mais restrito”. Retomando o conceito de Filter Bubble (filtros-bolhas), instituído por Eli Pariser, Han apresenta que os filtros bolhas constituem-se como mecanismos regulatórios da entrada e saída de informações na rede do sujeito, que operam através da coleta de dados sobre os seus gostos, interesses e convicções (Han, 2022b).

É a partir dos filtros-bolhas, por exemplo, que ocorre uma filtragem e personalização nas informações, de acordo com a personalidade e identidade do usuário, deduzida e entendida em acordo com a navegação dele na internet. Assim, a informação que chega a ele, em sua grande maioria, são informações do seu próprio interesse, objetivando que o nível de satisfação do sujeito esteja sempre positivo, ao não mais se confrontar com conteúdos que o desagradam ou o levem ao outro. O usuário, então, imerso nessa bolha de informações e verdades indubitáveis, aprisiona-se a ela, delimitando o encontro consigo mesmo, e eliminando a possibilidade do usuário se contemplar e refletir sobre alguma informação que seja distinta de si e do que é confortável para si. Logo, empobrece-se a alteridade (Han, 2022b).

Diante dessa conjuntura, evidencia-se que o dilema da solidão do século XXI consiste no fato de que, embora as pessoas estejam conectadas, pelo *touch*,

elas também estão distantes de si, imersas em si, isoladas de si, vazias de um nós, empobrecidas de um outro e faltosas de empatia. O desaparecimento do outro não existe pela personalização algorítmica, mas, inevitavelmente, é reforçado por ela. Paralelamente, a liberdade sentida também é paradoxal, pois na medida em que se percebem enquanto sujeitos livres e autênticos, “O sujeito digitalizado e conectado é um pan-óptico de si mesmo. Dessa maneira, o monitoramento é delegado a todos os indivíduos” (Han, 2018b, p. 85). Questiona-se, portanto, essa liberdade, uma vez que “Os big data talvez tornem legíveis aqueles nossos desejos dos quais nós mesmos não estamos propriamente conscientes” (Han, 2018b, p. 88), visando comercializar e monetizar esses dados, tornando, portanto, o usuário um objeto manipulável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que as revoluções tecnológicas geram impactos significativos nas relações intra e interpessoais, implicando em questões sociais, psicológicas e culturais das transformações nas relações humanas na sociedade hipermoderna. Diante do contexto analisado, a teoria do “enxame” de Byung-Chul Han oferece uma lente provocativa e profundamente reflexiva pela qual pode-se examinar as dinâmicas sociais contemporâneas. Ao desafiar conceitos arraigados de comunidade, individualidade e poder, Han incita a reexaminar como se dão os relacionamentos com os outros, e consigo mesmo, em um mundo cada vez mais digital e interconectado. Sua análise sobre a natureza do trabalho, consumo e comunicação na era digital ressoa como um alerta para os possíveis perigos da hiperconexão e da vigilância consentida. Ao explorar a noção de um “enxame” que não apenas conforma, mas também isola, Han propõe uma reflexão acerca de como é possível preservar espaços de autenticidade e solidariedade genuína em uma sociedade saturada de informação e superficialidades. Ressalta-se a importância dos momentos de solitude e contemplação como elementos promotores de bem-estar na sociedade contemporânea, frente às constantes implicações das hiperconexões e seus impactos no modo de ser do homem contemporâneo. Ademais, sugere-se novas pesquisas sobre tais impactos nos processos de subjetivação no contexto da hipermodernidade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. São Paulo: Schwarcz; Companhia das Letras, 2011.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. 3. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2013.
- HAN, B.-C. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes, 2022a.
- HAN, B.-C. **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, B.-C. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022b.
- HAN, B.-C. **No exame**: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018a.
- HAN, B.-C. **O desaparecimento dos rituais**: uma topologia do presente. Petrópolis: Vozes, 2021a.
- HAN, B.-C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Âyiné, 2018b.
- HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAN, B.-C. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Petrópolis: Vozes, 2021b.
- PALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zigmunt Bauman. **Tempo social**, v. 16, p. 301-325, 2004.